



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – *CAMPUS VI*
COLEGIADO DE HISTÓRIA

JUCILENE DE SOUZA

LAGOINHA DA COBRA: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E RESISTÊNCIAS
(1957-2023, CAETITÉ - BA)

CAETITÉ - BA

2025

JUCILENE DE SOUZA

**LAGOINHA DA COBRA: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E RESISTÊNCIAS
(1957-2023, CAETITÉ - BA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, com fins avaliativos necessários para obtenção do título de Graduada em História.

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra

CAETITÉ - BA

2025

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, foram anos de luta e resistência, tive medo de não dar conta, pois, conciliar família, estudos e trabalho foi um tanto desafiador, uma rotina intensa e exaustiva, mas VENCI. Essa caminhada me ensinou que a persistência supera o cansaço e que sonhar vale a pena, mesmo quando tudo parece difícil. Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto cresci, aprendi e me fortaleci. Levo comigo cada desafio superado como prova de que sou capaz, e cada apoio recebido como prova de que não se vence sozinha.

A palavra que define esse momento não poderia ser outra, a não ser GRATIDÃO.

Gratidão a Deus por me conceder saúde, força e sabedoria ao longo dessa caminhada.

Ao meu amado esposo Marivaldo, por dividir a vida comigo, pelo amor dedicado a mim, pela paciência, apoio, dedicação e cuidado, principalmente com nossos filhos enquanto estive ausente. Essa conquista é nossa! te amo!

Aos meus amados filhos Kaique e Kiara, meu refúgio, minha fortaleza. Vocês são o motivo da minha persistência, a razão pela qual escolhi não desistir, mesmo nos dias mais difíceis. A cada passo dessa caminhada, pensei em ser uma mãe melhor para vocês, e foi esse amor que me impulsionou a seguir em frente. Perdoem pela ausência em alguns momentos, pelas vezes em que precisei estar longe para construir esse sonho. Amo vocês com todo o meu coração, de forma incondicional, e essa conquista também é de vocês. Tudo foi por vocês.

Aos meus pais Juraci e Dalci, pelo incentivo, amor e cuidado, mesmo distantes. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Aparecido, Jucélia, Dirlene e Alessandro por acreditarem em mim e em meu potencial. Esse sonho é nosso. Amo vocês!

Ao meu orientador professor Nivaldo Osvaldo Dutra (Nivas) a quem tenho grande carinho e admiração, por sua dedicação, paciência e orientações valiosas durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

A minha amiga, irmã, companheira de luta, comadre, Maria Aparecida. Não tenho palavras pra descrever o quanto você é importante em minha vida, obrigada por segurar minha mão, não me deixar desistir e acreditar em mim, sem seu apoio jamais chegaria até aqui, gratidão por tudo e por tanto que fez por mim. Amo você.

Aos professores que compartilharam conhecimento com paciência e dedicação, especialmente a professora Lielva Azevedo Aguiar (Lili) a qual tenho um grande carinho e admiração.

A Professora Cleidiana Brito da Silva , pelas ricas contribuições nessa pesquisa.

Aos colegas de turma, amigos e funcionários da UNEB que, de alguma forma, contribuíram com palavras de apoio, trocas de ideias e momentos de parceria.

Meus sinceros agradecimentos a todos os moradores da Comunidade Quilombola Lagoinha da Cobra, em especial aos entrevistados pela contribuição na realização desse trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta jornada, meu muito obrigado!

RESUMO: O presente trabalho¹ busca compreender o processo de formação da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra e o seu reconhecimento oficial como comunidade quilombola. Para isso, analisa-se a trajetória histórica do grupo, suas lutas por território e identidade, bem como os elementos de resistência cultural que marcaram e ainda marcam o cotidiano dos moradores. Destaca-se também o protagonismo das mulheres quilombolas, fundamentais na preservação das tradições e na organização social da comunidade. A pesquisa fundamenta-se na metodologia da História Oral, com entrevistas semiestruturadas realizadas com os moradores da comunidade, permitindo a valorização das memórias coletivas e individuais, das experiências cotidianas e das manifestações culturais, como o reisado e as festas religiosas. O aporte teórico de autores como Michael Pollak (1992), Clóvis Moura (2021), Dutra (2015) e Sousa (2020) contribuiu para compreender a memória como construção social e histórica, bem como a resistência quilombola como expressão de luta identitária. Assim, este estudo busca dar visibilidade às vozes quilombolas e contribuir para a valorização da memória coletiva da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Território. Memória. Resistência. Manifestações Culturais.

ABSTRACT: This work aims to understand the formation of the Lagoinha da Cobra Quilombola Community and its official recognition as a quilombola community. To do this, we analyze the group's historical trajectory, its struggles for territory and identity, as well as the elements of cultural resistance that have marked and continue to mark the daily lives of its residents. Also noteworthy is the leading role of quilombola women, who were fundamental in preserving traditions and in the social organization of the community. The research is based on the methodology of Oral History, with semi-structured interviews conducted with community residents, allowing for the appreciation of collective and individual memories, daily experiences, and cultural manifestations, such as the reisado and religious festivals. The theoretical contributions of authors such as Michael Pollak (1992), Clóvis Moura (2021), Dutra (2015) and Sousa (2020) contributed to the understanding of memory as a social and historical construction, as well as quilombola resistance as an expression of identity struggle. Thus, this study seeks to give visibility to quilombola voices and contribute to the appreciation of the collective memory of the Lagoinha da Cobra Quilombola Community.

KEYWORDS: Lagoinha da Cobra Quilombola Community. Territory. Memory. Resistance. Cultural Manifestations.

¹ Este artigo é o resultado da pesquisa desenvolvida durante a graduação de Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Departamento de Ciências Humanas – DCH/*Campus VI* – Caetitê – BA, na disciplina de Pesquisa Histórica IV, sob orientação do Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca compreender o processo de formação, da Comunidade Quilombola Lagoinha da Cobra e o reconhecimento da mesma como comunidade quilombola. O lócus dessa pesquisa compreende a Comunidade Quilombola Lagoinha da Cobra, localizada na zona rural de Caetité², no território de identidade Sertão Produtivo³.

O objetivo geral deste estudo é apresentar e discutir sobre o processo de formação da comunidade, as memórias e identidade dos moradores bem como discutir sobre o processo de resistência histórica dos quilombos no Brasil, inclusive a Comunidade Quilombola Lagoinha da Cobra.

Os objetivos específicos delineados consistem em: compreender o processo de formação da comunidade Lagoinha da Cobra, descrever a trajetória das comunidades quilombolas no processo de identificação e certificação, apresentar as narrativas dos moradores da comunidade evidenciando as diversas manifestações, tradições e vivências existentes na Comunidade Quilombola Lagoinha da Cobra.

Falar sobre quilombos tem sido algo instigante e ao mesmo tempo desafiador, pois trata-se de uma temática ampla, atual e necessária, que exige um olhar atento às questões históricas, às dinâmicas de identidade, memórias, ancestralidade e à importância da preservação desses territórios frente aos desafios contemporâneos, como a pressão por recursos naturais e as disputas por reconhecimento de direitos.

A escolha de pesquisar acerca da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra nasce, antes de tudo, da minha própria vivência enquanto integrante desta comunidade. Sou quilombola, dessa forma, estudar a história de Lagoinha da Cobra é também um ato de compromisso com minha ancestralidade e com a necessidade de dar visibilidade a uma comunidade que, até então, não foi contemplada por estudos acadêmicos específicos sobre sua história, seus desafios e suas conquistas.

Nasci em uma comunidade próxima a comunidade Lagoinha da Cobra denominada Angico, onde sempre tive contato com práticas culturais e modos de vida semelhantes . Após

²Caetité é um município brasileiro, localizado no Alto Sertão da Bahia, cuja população é estimada em 54.572 pessoas (IBGE, 2024), conta com uma extensão territorial de 2.651,536 km² (IBGE, 2022), e está localizada a cerca de 645 km de distância da capital do estado, Salvador.

³De acordo com o Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo/ Guanambi – BA (2016, p. 15) o Sertão Produtivo é um território formado por vinte municípios: Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo e Urandi.

me casar com um homem nascido e criado em Lagoinha da Cobra , passei a me envolver ainda mais com a realidade dessa comunidade, atualmente faço parte da direção da associação como suplente de fiscal. Com o tempo, compreendi a profundidade histórica, cultural e identitária que marca a vivência da comunidade quilombola e reconheci em mim essa mesma ancestralidade. Hoje, me reconheço como quilombola , não apenas por laços familiares, mas por pertencimento, vivência e construção de identidade coletiva.

Além disso, a relevância acadêmica deste trabalho reside na possibilidade de contribuir para a preservação da memória histórica das comunidades quilombolas, promover a valorização de suas identidades culturais e reforçar a importância de suas lutas por reconhecimento e direitos.

Este estudo está inserido no campo da História Social e traz uma abordagem que se dedica a compreender as experiências e dinâmicas das sociedades a partir das relações humanas, das estruturas sociais e das manifestações culturais. A História Social busca ainda evidenciar os sujeitos históricos que, muitas vezes, foram marginalizados nas narrativas tradicionais, analisando suas trajetórias, identidades, práticas de resistência e formas de organização coletiva. Segundo Barros (2005, p. 18):

[...] a História Social pode ser elaborada tanto do ponto de vista de uma Macro-História, que examina de um lugar mais distanciado aspectos como os movimentos sociais ou como a estratificação social de uma determinada realidade humana, como pode ser elaborada do ponto de vista de uma Micro-História, que se aproxima para enxergar de perto o cotidiano, as trajetórias individuais, as práticas que só são percebidas quando é examinado um determinado tipo de documentação em detalhe (por exemplo os inquéritos policiais, os documentos da Inquisição, mas também determinadas produções culturais do âmbito popular onde transpareçam elementos da vida cotidiana, das relações familiares, e assim por diante).

Como mencionado acima, a História Social pode ser abordada em diferentes escalas, ampliando assim, nossa compreensão sobre o passado, bem como, as dinâmicas que moldam a sociedade.

Em relação ao campo metodológico este estudo se pautou na História Oral, enquanto metodologia, de acordo com Delgado (2006, p. 2):

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais.

O desenvolvimento deste estudo se deu a partir da realização de entrevistas com os moradores da comunidade. Foram entrevistados 8 (oito) moradores, sendo 5 (cinco) mulheres e 3 (três) homens, de idades distintas. Em relação à forma como foram conduzidas as entrevistas, optei pela entrevista semiestruturada. De acordo com Oliveira, Guimarães e Ferreira (2023, p. 222) as entrevistas semiestruturadas tem como característica “um roteiro preestabelecido no qual o pesquisador inclui um pequeno número de perguntas abertas e deixar o entrevistado livre para falar, podendo realizar perguntas complementares para compreender o fenômeno investigado”.

Vale ressaltar aqui, que a entrevista é um procedimento importantíssimo para esse propósito, assim, o êxito da entrevista começa, antes mesmo dela acontecer, pois há toda uma preparação para a realização da mesma, considerando o contato e o compartilhamento da realidade entre o pesquisador e o entrevistado. Sendo assim, Thompson (1998, p. 254) aponta que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar.

Tais considerações apresentadas acima, ressaltam aspectos fundamentais para uma entrevista bem-sucedida, destacando que ouvir com atenção e empatia é tão importante quanto as perguntas elaboradas. Além disso, o entrevistador deve demonstrar interesse genuíno pelos entrevistados, valorizando suas histórias e opiniões, o que contribui para a construção de um ambiente de confiança. Ouvir em silêncio é muito importante, pois é nesse momento que o entrevistado se sente encorajado a expressar-se livremente, apoiando a coleta de informações mais ricas e autênticas.

A memória é indispensável, uma vez que desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Como afirma Michael Pollak (1992, p. 204):

-A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.

Pollak nos chama a atenção para a natureza dinâmica da memória, que está sujeita às influências do presente e aos contextos em que é evocada. Assim, lembrar não é apenas reviver

o passado, mas reinterpreta-lo a partir das experiências e inquietações do presente. Aqui, a memória se configura como elo essencial entre o que fomos e o que somos, sustentando a continuidade da identidade mesmo em meio às transformações históricas e sociais.

Partindo dessa compreensão sobre a importância da memória na construção das identidades, iniciou-se a coleta de dados por meio das entrevistas semiestruturadas. Para a realização das entrevistas, foi necessário o uso do gravador de voz e a câmera fotográfica para registros.

Tivemos o cuidado de realizá-las num local tranquilo, a fim de evitar interferências durante a gravação.

Após as gravações, foi feita a transcrição da fala dos entrevistados, de forma fiel, ou seja, exatamente como o entrevistado falou, respeitando suas particularidades e linguagem. Quanto à escolha dos entrevistados, optei por pessoas com idades distintas, entre 23 e 67 anos, com o intuito de captar diferentes percepções, vivências e memórias sobre a identidade da comunidade quilombola de Lagoinha da Cobra. Na tabela 1 pode ser observado a relação dos entrevistados:

Tabela 1 – Moradores entrevistados.

Nome Completo	Idade
Cleonice Silva Duardo	46 anos
José Roberto da Silva	49 anos
Maria José Silva Duarte	24 anos
Maria Souza de Araújo	47 anos
Marilene Souza Santos	45 anos
Odair França dos Santos	23 anos
Rafael França de Souza	25 anos
Zilda França de Araújo	67 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

As narrativas das pessoas listadas na Tabela 1, revelam memórias e vivências carregadas de significados para a comunidade Lagoinha da Cobra. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. Conforme explica Chizzotti (1998, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Além disso, foi realizado também o levantamento bibliográfico de trabalhos já publicados que abordassem sobre: comunidades quilombolas, História, memória e identidade, a fim de fortalecer o arcabouço teórico deste estudo.

O campo de estudo deste trabalho é a Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra, uma comunidade de povo hospitaleiro e acolhedor, que tem seu modo de vida baseado na agropecuária – plantação de feijão, milho e mandioca, utilizada na fabricação de farinha e tapioca, criação de bovinos, equinos, suínos e aves, visando a subsistência das famílias quilombolas como fonte de renda local.

Este trabalho encontra-se organizado em cinco tópicos, considerações finais e referências. Após a introdução, temos o primeiro tópico, intitulado “Os quilombos como forma de resistência: breve contextualização”, onde é abordado brevemente sobre os quilombos como forma de resistência no passado, além do reconhecimento de um legado de luta incessante pela conquista de seus territórios, direitos e a preservação de suas tradições que são aspectos fundamentais para compreender a permanência e a resiliência dessas tradições.

No segundo tópico “A trajetória das comunidades quilombolas: memória e resistência” é destacada a trajetória das comunidades quilombolas no Brasil, que é marcada por um processo contínuo de luta, afirmação e resistência. Além de dar ênfase a memória dessas comunidades como parte central na preservação da identidade quilombola.

No terceiro tópico “História da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra”, analisamos como as narrativas e experiências transmitidas entre gerações fortalecem o sentimento de pertencimento e a reivindicação de direitos, no processo da formação da comunidade. Além disso destacamos o papel da história oral, das celebrações e das práticas culturais que ressignificam o passado e impulsionam o futuro, fortalecendo a identidade e memória da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.

No quarto tópico “O reisado como manifestação cultural em Lagoinha da Cobra: Tradição oral, cultura, fé e festas” traz uma abordagem do reisado, importante expressão cultural transmitida oralmente ao longo das gerações, apresentando também elementos que compõem essa manifestação, como os cantos, as danças, os personagens e os rituais, destacando sua relação com a religiosidade popular, a memória coletiva e a identidade cultural da comunidade.

No último tópico , que integra esse estudo, intitulada “Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité” é abordado, de forma sucinta, sobre esse encontro, que ocorre todo ano nas comunidades quilombolas do município, sendo que o XIV Encontro em 2023, aconteceu em Lagoinha da Cobra.

1. OS QUILOMBOS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Inicialmente faz-se necessário compreender o significado da palavra quilombo. De acordo com Sousa (2020, p. 29, *apud* Kabengele Munanga, 2009), “a palavra quilombo é uma forma adaptada para a Língua Portuguesa da palavra africana *kilombo*, que se trata de uma organização sociopolítica militar que era presente na área geográfico-cultural Congo-Angola”. Assim, compreender a origem africana do termo e sua adaptação ao contexto brasileiro amplia nossa visão sobre a história dos quilombos. De acordo com Nivaldo Dutra:

Foi no Brasil que o termo "quilombo" ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos. Tal conceito apropriado pelas comunidades, pelo movimento negro e pelo direito constitucional acompanhou as mudanças culturais e políticas demandadas pela sociedade brasileira, conectada ao âmbito internacional através das lutas e tratados, firmados em prol dos direitos humanos e da cidadania (Dutra, 2015, p. 32).

Os quilombos eram comunidades formadas principalmente por pessoas escravizadas que fugiam das fazendas, engenhos e outras estruturas de exploração. Mais do que simples refúgios, os quilombos eram espaços de liberdade, onde os indivíduos podiam reconstruir suas vidas, resgatar tradições culturais e lutar por autonomia. Essas comunidades foram marcadas por uma forte organização social, cultural e política, que desafiava o sistema escravocrata vigente. O primeiro e maior quilombo formado que se tem registro foi do líder Zumbi dos Palmares, uma referência de resistência e luta contra toda opressão, humilhação e castigos brutais e desumanos.

O Brasil é um país que teve sua base econômica e social fortemente alicerçada na exploração do trabalho escravo, principalmente de pessoas africanas e seus descendentes. Durante mais de quatro séculos, milhões de homens e mulheres foram retirados à força, de suas terras, trazidos para o Brasil e submetidos a condições desumanas de trabalho e vida. Nesse contexto de extrema opressão, os quilombos emergiram como uma das principais formas de resistência à escravidão. Segundo Clóvis Moura (2021, p. 25):

No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional. À medida que o escravismo aparecia e se espalhava nacionalmente, a sua negação também surgiu como sintoma da antinomia básica desse tipo de sociedade.

Ao longo da história, os quilombos enfrentaram diversas tentativas de repressão e destruição por parte das autoridades coloniais e imperiais, que os viam como uma ameaça à ordem social. Mesmo assim, muitos desses espaços resistiram e se tornaram símbolos de luta e resiliência. Os quilombos não se limitaram a um ato de fuga ou resistência momentânea. Eles foram, e ainda são, expressões de uma luta contínua por liberdade, identidade e reconhecimento. Após a abolição da escravidão em 1888, muitas dessas comunidades continuaram a enfrentar desafios relacionados à terra, ao racismo estrutural e à marginalização social.

Hoje, as comunidades remanescentes de quilombos representam não apenas um legado histórico, mas também um testemunho vivo da resistência e da capacidade de organização dos povos afrodescendentes no Brasil. Elas continuam a lutar pelo reconhecimento de seus direitos territoriais e pela valorização de suas culturas e memórias, reafirmando seu papel como agentes de resistência em um país que ainda enfrenta desigualdades raciais profundas.

Para o senhor José Roberto da Silva, “ser quilombola” é sinônimo de luta e resistência ao afirmar que “Quilombola é ser ancestrais daqueles negros que sofriram no tronco, e hoje nós somos filhos, netos daquelas pessoas que já se foram e nós ficamos” (Silva, 2024).⁴

A partir da fala do senhor José Roberto, é possível perceber como a identidade quilombola é marcada pela memória e resistência, enfatizando a luta por dignidade e reconhecimento. Além disso, reforça a ideia de que a história dos quilombos não ficou no passado, ainda é vívida e sentida no presente, por meio das narrativas orais passadas de geração a geração.

Nessa perspectiva, a identidade constitui-se como um processo dinâmico e relacional, moldado pelas experiências individuais e coletivas ao longo do tempo. De acordo com Stuart Hall (2006, p.48) “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”.

Por décadas, a luta pela posse e demarcação dos territórios ocupados por quilombolas permaneceu negligenciada. Foi somente com a Constituição Federal de 1988 que os direitos das comunidades remanescentes de quilombos passaram a ser reconhecidos de forma explícita, marcando um avanço significativo na legislação brasileira. O Art. 68 dispõe que “aos

⁴ José Roberto da Silva, entrevista concedida à autora em 07 de dezembro de 2024.

remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado Emitir -lhes os títulos respectivos” (Brasil, 1988).

Essa determinação da Constituição Federal de 1988 trouxe consigo a necessidade de criação de um órgão responsável por preservar os valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência dos povos negros no processo formativo da sociedade brasileira - a Fundação Cultural Palmares (FCP). Esse órgão, com atuação nacional, teve/tem dentre várias atribuições, realizar a identificação dos remanescentes de quilombo, bem como proceder no reconhecimento, delimitação e demarcação e a titulação das terras ocupadas.

Existem diversas versões sobre o surgimento da Fundação Cultural Palmares. Portanto é necessário realizar novos estudos para uma melhor compreensão acerca de sua criação. Segundo Carlos Moura:

Poder-se-ia dizer que essa Fundação Cultural Palmares foi gestada nos idos de 1979 quando em Uberaba/MG, um grupo de negras e negros reuniu-se para promover debates e formas de valorização da cultura afro-brasileira e, conseqüentemente, elevar a auto-estima da comunidade negra. Duas conseqüências advieram do mencionado encontro: a Carta de Uberaba e a criação do Centro de Estudos Afro-Brasileiros (CEAB), em Brasília. Com efeito, os militantes da Capital Federal, embalados pelas conclusões de Minas Gerais, decidiram instituir uma entidade do movimento negro no Distrito Federal e a Carta de Uberaba foi inscrita nos Anais do Senado Federal por iniciativa do então senador Itamar Franco (Moura, 2008, p. 8).

A CF/1988 foi essencial para o reconhecimento dos direitos quilombolas, principalmente na garantia dos direitos territoriais. Já em 2003 foi sancionado o Decreto nº 4.887, responsável por regulamentar o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e a titulação das terras ocupadas por remanescentes de quilombos (Brasil, 2003).

Nesse decreto é determinado que são considerados remanescentes de quilombo os grupos étnico-raciais, aqueles com auto atribuição, com trajetória histórica própria, e dotados de ralações territoriais específicas as quais tenham presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003).

A regulamentação do território busca proteger esses espaços, reconhecendo sua importância para a manutenção das práticas tradicionais, modos de vida e memórias coletivas das comunidades. Medeiros (2008) salienta que o território e o espaço são compactados, depende um do outro para que haja um laço humano. Assim, a luta das comunidades quilombolas por reconhecimento legislativo e pela garantia de seus direitos territoriais não é

apenas uma continuidade da resistência histórica contra a opressão, mas também um esforço para assegurar sua sobrevivência e a preservação de sua cultura e identidade. Nesse sentido, a análise das dimensões históricas, identitárias e legislativas das comunidades quilombolas, como a Lagoinha da Cobra, é fundamental para compreender os desafios e avanços nessa trajetória de resistência.

2. A TRAJETÓRIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

No Brasil, as comunidades quilombolas surgiram como espaços de resistência ao sistema escravista, consolidando-se como territórios de liberdade e refúgio de identidades culturais africanas. De acordo com Sousa (2020):

Os quilombos começam a surgir quase que paralelo a escravidão no Brasil. Como tivesse negros escravizados, surgiriam os quilombos como uma das formas de resistência e rebeldia contra as forças opressoras do regime escravista. O conselho ultramarino fez uma definição de quilombo, ‘onde haja dois ou três paus e servirem para eles morarem é um quilombo’. Geralmente, são lugares afastados para que possam se proteger, sendo estratégicos para que pudessem perceber a chegada dos que os ameaçavam com tentativas de capturas. Foi nos quilombos que os negros escravizados, nos séculos XVII e XVIII, buscavam viver com dignidade. Eram nesses espaços que eles buscavam resgatar os hábitos e costumes deixados na África. Ali nasceu a base da nossa cultura Afro-brasileira (Sousa, 2020, p. 29).

Por mais de quatro séculos, essas comunidades enfrentaram processos históricos de exclusão e invisibilidade, mas apoiaram a resistência, preservando suas práticas culturais e reafirmando suas memórias. Em um contexto marcado pela luta pelo reconhecimento territorial e cultural, as comunidades remanescentes de quilombos desempenham um papel crucial na valorização da História Afro-brasileira.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo Demográfico 2022, a população quilombola brasileira é de 1.330.186 pessoas, o que corresponde a 0,66% da população; a Bahia é a Unidade Federativa que possui a maior quantidade de quilombolas, são 397.059 pessoas, ou seja, 29,9% da população baiana (IBGE, 2022).

Com relação aos territórios, a primeira comunidade quilombola titulada no Brasil foi a Comunidade Boa Vista, em Oriximiná no Pará, a titulação se deu em 1995, sete anos após a

Constituição Federal de 1988. A titulação ocorreu tardiamente, são 494 territórios quilombolas oficialmente reconhecidos no Brasil (IBGE, 2022).

Na Bahia a primeira comunidade quilombola certificada oficialmente foi a comunidade quilombola de Rio das Rãs⁵ localizada em Bom Jesus da Lapa – BA. A certificação foi concedida pela Fundação Cultural Palmares (FCP), em 1995, ano em que a instituição iniciou o processo de reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil.

Em síntese o processo para o reconhecimento de comunidade quilombola segue um padrão. Primeiro a comunidade se autorreconhece como quilombola, solicita os procedimentos junto aos órgãos governamentais responsáveis, para após o processo de autorreconhecimento do território, obter a certificação de quilombola. A Tabela 2 apresenta as comunidades quilombolas certificadas no município de Caetité - BA.

Tabela 2 – Comunidades Remanescentes de Quilombos no município de Caetité.

Nome da comunidade	Ano de início do processo de reconhecimento	Ano de reconhecimento	Número do processo na FCP
Pau Ferro	2010	2010	01420.001106/2010-22
Vereda do Cais	2010	2010	01420.001105/2010-88
Sapé	2010	2010	01420.001107/2010-77
Merçês	2010	2010	01420.001103/2010-99
Lagoa do Meio	2010	2010	01420.001111/2010-35
Contendas	2010	2010	01420.001108/2010-11
Olho d'água	2010	2010	01420.001109/2010-66
Sambaíba	2010	2010	01420.001110/2010-91
Vargem do Sal	2010	2010	01420.001104/2010-33
Malhada	2007	2012	01420.002403/2007-90
Lagoa do Mato	2013	2015	01420.011569/2013-45
Passagem da Areia	2013	2015	01420.011567/2013-56
Cangalha	2013	2015	01420.011570/2013-70
Lagoinha da Cobra	2018	2020	01420.102678/2018-85⁶
Riacho da Vaca	2019	-----	01420.101547/2019-61

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Fundação Cultural Palmares (FCP), 2024.

O município de Caetité possui 14 comunidades quilombolas certificadas. Observa-se que no ano de 2010 houve uma concentração significativa em que 9 (nove) comunidades foram certificadas pela FCP, em 2012 foi a comunidade de Malhada, e em 2015, Lagoa do Mato, Passagem da Areia e Cangalha. A comunidade de Lagoinha da Cobra, objeto deste estudo, teve

⁵Segundo Valdélino Santos Silva (2000, p. 4), essa comunidade compreende várias localidades, sendo elas: Passagem de Areia, Pedra do Cal, Barra, Aribá, Brasileira, Capão do Cedro, Riacho Seco, Baixa da Mula, Pitombeira, Rio das Rãs, Barreiro da Onça, Juá, Manga, Jacaré, Baixa do Mari e Enchu, entre outras.

⁶ Esta trata-se da comunidade locus dessa pesquisa.

seu processo iniciado em 2018, com o reconhecimento efetivado em 2020, evidenciando um intervalo específico entre os primeiros reconhecimentos no município e a inclusão dessa comunidade na lista oficial. Esse atraso pode ser reflexo de desafios no processo de organização comunitária, da dificuldade de articulação com os órgãos responsáveis ou mesmo da burocracia envolvida na certificação.

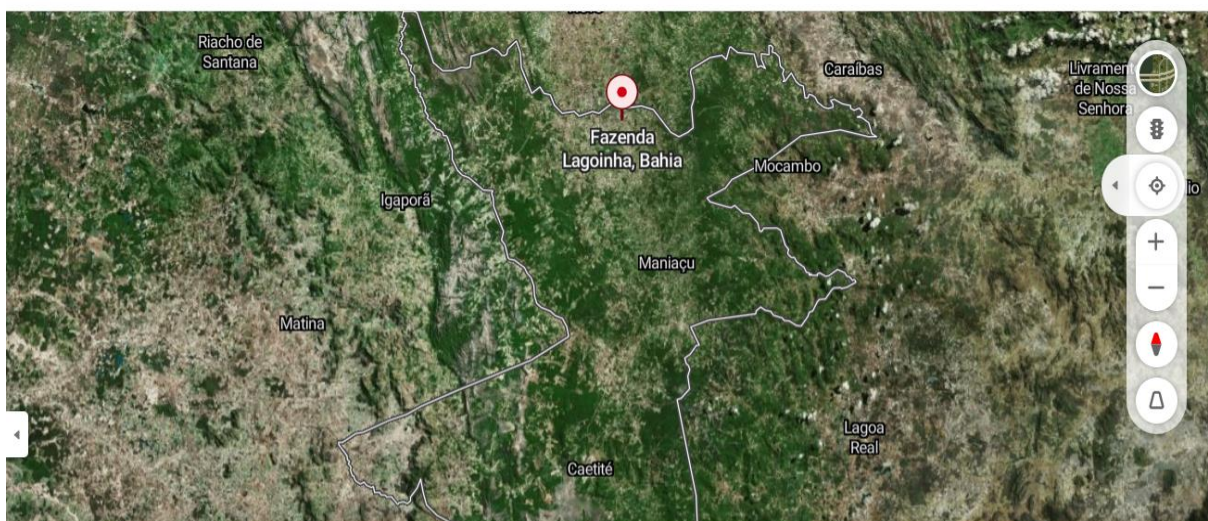
Segundo os dados disponíveis no site do Fundação Cultural Palmares (FCP), em Caetité existe uma comunidade remanescente de quilombo em processo de certificação, que é a Comunidade de Riacho da Vaca, a qual deu início ao processo de certificação no ano de 2019.

O Conselho das Associações Quilombolas do Município de Caetité tem um papel fundamental na luta pela garantia de direitos das comunidades quilombolas. Formado por representantes das próprias comunidades, o Conselho atua como elo entre o povo quilombola e o poder público, buscando dar voz às suas demandas, necessidades e aspirações. Seu trabalho é essencial para fortalecer a identidade, promover a justiça social e assegurar que os direitos dessas comunidades sejam respeitados e efetivados.

3. HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOINHA DA COBRA

Lagoinha da Cobra está localizada no sertão baiano, a cerca de 50 km de Caetité - BA como mencionado anteriormente. Veja no mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa com vista aérea da localização da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Print Screen tirado no Bing Mapas. Disponível em: <https://www.bing.com/maps?cp=-13.682475%7E-42.445207&lvl=16.0&style=h>. Acesso em 04 de março de 2025.

Quando questionada a respeito da origem do nome da comunidade, a narrativa da senhora Cleonice Duarte confirma a dos demais entrevistados,⁷ também moradores e conhecedores da origem do lugar.

Surgiu o nome Lagoinha da Cobra dos antepassados, né, que são nossos avós, bisavós. Eles falaram que existia uma lagoa na época e existia uma cobra, né, que algumas pessoas viram e outras não viram, e quando avistava, ela desaparecia. E foi aí que surgiu o nome Lagoinha da Cobra (Duardo, 2024)⁸.

A lagoa foi por muito tempo a principal fonte de água para toda a comunidade. Com o passar dos anos, as mudanças ambientais, o crescimento populacional e a falta de chuvas impactaram sua disponibilidade. Além disso, com novas formas de abastecimento, como poços artesianos e redes de distribuição, afeta a dependência direta da lagoa. Apesar dessas transformações, ela continua sendo um símbolo de identidade local, representando não apenas um recurso natural, mas também um espaço de memória coletiva e resistência da comunidade.

Figura 5 – Lagoa da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

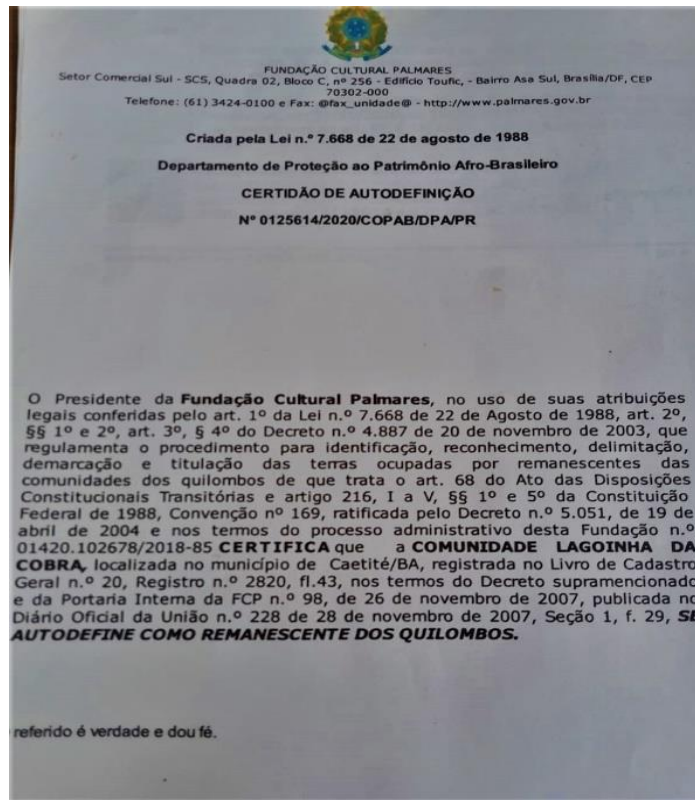
A Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra se autodeclarou como CRQs no ano de 2017, teve seu processo iniciado em 2018 e somente em 2020 foi certificada pela Fundação

⁷ Maria José Silva Duarte, Zilda França de Araújo, Marilene Souza Santos, Maria Souza de Araújo e José Roberto da Silva, moradores da comunidade Lagoinha da Cobra.

⁸ Cleonice Silva Duarte entrevista concedida a autora em: 7 de dezembro de 2024.

Cultural Palmares, através do processo n° 01420.102678/2018-85. Na fotografia abaixo, possível observar a certidão de autodefinição da comunidade:

Figura 2 – Certidão de autodefinição como remanescente de quilombo da comunidade Lagoinha da Cobra.

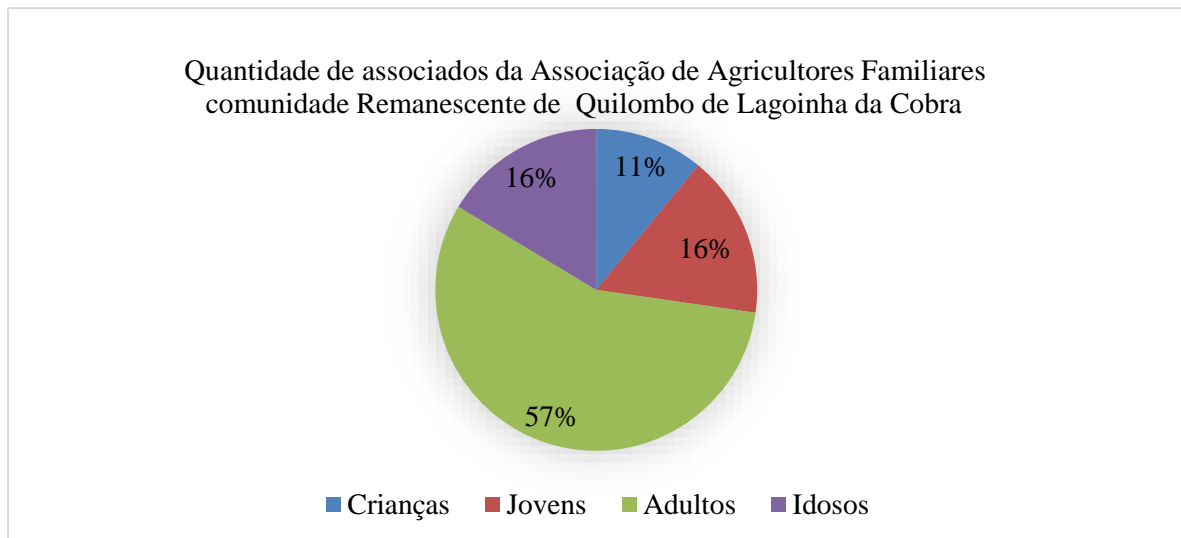


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

A certificação representa um marco fundamental para a Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra, pois reconhece oficialmente sua identidade étnico-racial e fortalece sua luta por direitos territoriais, culturais e sociais. Esse reconhecimento institucional reforça o pertencimento e a organização coletiva, dando legitimidade às reivindicações da comunidade junto ao poder público. A partir desse reconhecimento, torna-se ainda mais importante compreender a estrutura social da comunidade, o número de famílias residentes e o grau de participação dos moradores em suas instâncias representativas.

A Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra é composta por mais de 300 pessoas distribuídas em aproximadamente 78 famílias. Atualmente, cerca de 110 pessoas são associadas à entidade representativa da comunidade. É importante destacar que nem todos os moradores estão formalmente associados. A seguir, apresenta-se um gráfico com o número de associados da comunidade.

Gráfico 1 – Número de associados da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações obtidas da associação dos moradores da comunidade, 2025.

Os dados do gráfico mostram que a maioria dos associados da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra é composta por adultos (57%), evidenciando seu protagonismo nas ações comunitárias. Jovens e idosos representam, cada um, 16%, revelando a participação ativa de diferentes gerações. As crianças somam 11%, o que indica uma introdução precoce ao pertencimento e à coletividade, fortalecendo os laços identitários desde a infância. O perfil etário dos associados destaca o caráter intergeracional da organização, essencial para a continuidade das lutas, preservação da memória e transmissão de saberes.

Essa presença significativa de crianças e jovens na vida comunitária também se reflete no contexto educacional local. A escola que existia na comunidade funcionava de forma multisseriada, ou seja, turmas heterogêneas constituídas por alunos de séries diferentes e de idades diferentes que dividem a mesma sala e o mesmo professor. Atualmente, as crianças e adolescentes estudam na comunidade vizinha denominada Tamboril ou no distrito de Maniaçu⁹.

A escola sempre ocupou um papel central na vida da comunidade, não apenas como espaço de aprendizado formal, mas como lugar de encontro, troca de saberes e fortalecimento da identidade coletiva. No entanto, a desativação da escola representou uma perda significativa, não só em termos de acesso à educação, mas também no que diz respeito ao sentimento de pertencimento e continuidade cultural dentro do próprio território. A seguir, apresenta-se uma

⁹Segundo Helena Lima Santos (1997, p 127) a criação do distrito de Maniaçu se deu em 1934, localizado a Noroeste de Caetité, sendo o distrito mais seco, porém os terrenos que ficam nas encostas das serras do Joazeiro e Mucambo, que se destacam por serem excelentes para a lavoura. Além disso, o distrito se destaca por ser um grande produtor de farinha e também, criador, com maior produção de ovinos e caprinos.

fotografia da antiga escola da comunidade, espaço que desempenhou papel importante na educação local.

Figura 3 – Antiga Escola da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra, atualmente é a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Fonte: Print Screenshot tirado do Google Maps. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-13.6822051,-42.4446896,3a,75y,143.86h,83.24t/data=!3m7!1e1!3m5!1s79WFDC50fIcQ_hrVa85UzA!2e0!6shttps:%2F%2Fs.treetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D6.759360360295176%26panoid%3D79WFDC50fIcQ_hrVa85UzA%26yaw%3D143.86056824123506!7i16384!8i8192?hl=pt-BR&entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDYzMC4wIKXMDSOASAFAw%3D%3D. Acesso em 04 de março de 2025.

O espaço da antiga escola foi reformado e atualmente abriga a igreja da comunidade. Em relação a saúde, o acesso se dá através da agente comunitária de saúde que visita regularmente as famílias e marca consultas e exames no PSF (Programa Saúde da Família) mais próximo que é o PSF do distrito Caldeiras¹⁰, que atende a população da comunidade de Lagoinha da Cobra e demais comunidades vizinhas. Em caso de emergência, os moradores são levados para a sede ou município vizinho, Tanque Novo.

Além das questões relacionadas à educação e saúde, é importante compreender como se deu o processo de formação da comunidade e de construção de seus vínculos sociais e religiosos, fundamentais para a consolidação da identidade coletiva.

¹⁰O distrito de Caldeiras fica a aproximadamente 50 km da sede, Caetité - BA.

A formação da comunidade se deu através da união dos moradores em busca da construção de um espaço de pertencimento e preservação de sua identidade. Assim, a narrativa da senhora Maria Souza de Araújo destaca aspectos importante da vida comunitária e da formação religiosa na comunidade.

[...] como surgiu a comunidade, Foi isso, Quando eu já me entendi, pai, já me carregava para as missa. Era um pouquinho distante, uns seis km. Aí nós ia a viagem de carro de boi e o carro de boi que a gente ia vai colocava um cipó amarrado nas varas do carro aí tipo uma cobertinha, e colocava o couro, couro de boi, que naquela época tudo era aproveitado, aí para fazer sombra, para livrar do sol. E aí a gente ia para missa, aí participava da missa e aí a gente foi incentivando a gente e aí tinha um vizinho que celebrava o culto. E aí nós começou a acompanhar o culto e lá depois já teve catequista. Aí nós participava do catecismo, tinha uma sombra muito grande assim no quintal. De primeiro a gente chamava de terreiro, hoje é de quintal e aí é lá gente lá mesmo ela celebrava o catecismo. Aí a gente fazia muita brincadeira, era muito divertido (Araújo, 2024).¹¹

O relato acima, mostra a forte conexão entre fé, cultura e tradição oral dos moradores, além de evidenciar, a criatividade e a valorização dos recursos disponíveis, como o uso do “couro de boi” e o “cipó” um, conhecimento passado de geração a geração.

A comunidade dispõe de uma associação, Associação de Agricultores Familiares Comunidade Remanescente Quilombo de Lagoinha da Cobra, fundada em 2020, mesmo ano de certificação de Lagoinha da Cobra como comunidade quilombola. Conforme relatou a senhora Cleonice Duardo¹²:

A comunidade surgiu através de nós, moradores, que decidiram passar a ser quilombola aqui da comunidade. É a Associação de Agricultores Familiares Comunidade Remanescente Quilombo de Lagoinha da Cobra. São associadas 78 famílias. Ela foi certificada em 2020 (Duardo,2024)

Ainda sobre a associação, a senhora Cleonice Duardo relata a importância da mesma para a comunidade, e as dificuldades enfrentadas durante sua formação, além da conquista do território.

A associação para a comunidade é importante porque é um órgão que a gente precisa ter na comunidade, para ter um documento em dias. O desafio é muito trabalho, muita dificuldade que a gente encontra no caminho. É muito difícil,

¹¹ Maria Souza de Araújo, entrevista concedida a autora em: 7 de dezembro de 2024).

¹²Cleonice Silva Duardo,49 anos, atual presidente da associação da comunidade, foi eleita pelos moradores, desde a fundação da associação em 2020.

muito pesado, não é fácil ser a presidência da associação. Houve vários conflitos, conflito já depois da fundação dela, né. Houve dois conflitos já. [...] A conquista é muito boa, pois a pessoa hoje se declara quilombola e já tem a origem de ser quilombola. A importância de um território quilombola é por causa disso. (Duardo, 2024)¹³

Figura 4 – Sede da Associação de Agricultores Familiares Comunidade Remanescente Quilombo de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

A comunidade, tem seu modo de vida baseado na agropecuária, como relatado pela senhora Zilda França de Araújo que confirma a narrativa dos demais entrevistados sobre os meios de sobrevivência da comunidade: “A lavoura, plantar, plantar a manaíba, a lavoura mandioca, milho, feijão” (Araújo, 2024).¹⁴ Além disso, tem também a criação de bovinos, equinos, suínos e aves, como mencionado anteriormente.

¹³As reuniões da associação acontecem sempre no terceiro domingo de cada mês. Nas reuniões são discutidas várias demandas, além de tomadas de decisões importantes que atenda a comunidade.

¹⁴ Zilda França de Araújo entrevista concedida a autora em: 7 de dezembro de 2024.

Figura 6 – Plantação de feijão e milho de Zilda França de Araújo.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Na comunidade destaca-se também o protagonismo das mulheres. Mulheres que exercem as mais variadas funções, inclusive funções de liderança que perpassam o âmbito familiar e se estendem para a organização social, cultural e econômica.

O trabalho das mulheres da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra começa logo ao amanhecer, nos cuidados com os filhos, com a casa, a comida, a roça e os animais. Em período de produção de farinha o trabalho se intensifica, pois as mesmas se reúnem para realizarem todas as etapas desde a raspagem da mandioca até o fim da produção da farinha, tapioca e puba. Uma rotina intensa que atravessa o dia e evidencia o papel central que elas desempenham na supervisão da vida familiar e comunitária.

Figura 7 – A senhora Zilda França de Araújo alimentando sua criação de galinhas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Essas tarefas, muitas vezes naturalizadas ou invisibilizadas, revelam a força do trabalho cotidiano feminino, que sustenta não apenas o lar, mas toda a dinâmica social da comunidade.

Ao longo da história as mulheres quilombolas foram por muito tempo silenciadas e vistas de forma submissas na esfera colonial e patriarcal, tendo suas vozes e experiências invisibilizadas. Apesar desse silenciamento, as mulheres negras quilombolas se mantiveram fortes e resistiram de diversas formas, sendo fundamentais na manutenção da cultura, na organização social dos quilombos e na resistência aos castigos e opressões.

As mulheres negras são sujeitos ativo da história, que transmitem oralmente as memórias, educa as novas gerações, cuida das redes familiares e comunitárias, e, ao mesmo tempo, reinventa tradições, como o uso de ervas medicinais, os cantos e danças, a religiosidade e a culinária, que continuam vivas, fazendo sentido diante dos desafios contemporâneo.

4. O REISADO COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL EM LAGOINHA DA COBRA: TRADIÇÃO ORAL, CULTURA, FÉ E FESTAS

As manifestações culturais são expressões vivas da identidade de um povo, refletindo suas histórias, valores e resistências ao longo do tempo. Elas surgem como formas de comunicação e pertencimento, fortalecendo laços comunitários e transmitindo saberes entre gerações. De acordo com Geertz (2008, p. 4), a cultura é uma teia de significados que o homem

teceu para si mesmo. Sendo assim, essas manifestações não são apenas eventos isolados, mas parte essencial da construção social.

Covary (2021, p. 42) enfatiza que “a identidade da memória cultural indica que essa memória é a história compartilhada pelos membros de um grupo sobre seu passado, contribuindo assim para sua conformação coletiva. Dessa forma, a memória é um elemento ativo na construção da identidade presente, permitindo que as comunidades resistam às mudanças externas sem perderem suas raízes.

Na Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra, a cultura é manifestada por meio dos costumes e crenças, que se refletem nas músicas, nas danças, na culinária, nas festividades e nas práticas religiosas. A dança, é uma das manifestações mais apreciadas dentro da comunidade. Valorizam o forró, o xote, a rancheira, o batuco e o samba. Na culinária destaca-se o consumo da farofa de palma, bolo de fubá, canjica, mingau de milho, pamonha, beiju torrado, bolo escaldado, entre outras.

Em relação as manifestações culturais presente na comunidade, Maria José Silva Duarte menciona algumas que se destacam: “O futebol, festas de reis, casamentos e batizado” (Duarte, 2024)¹⁵. Essas manifestações culturais representam não apenas formas de resistência e valorização da identidade local, mas também um meio de reafirmação do pertencimento. Ainda sobre essa questão a senhora Maria Souza de Araújo, corrobora com a senhora Maria José Silva Duarte, relatando como são as festas de casamento:

Acontece as festas, porque o padroeiro da Comunidade Nossa, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, aí festeja as festas da comunidade. Antigamente tinha as festas de sanfona. Hoje já mudou. Hoje a sanfona é só na hora que os noivos chegam. Aí, a hora que os noivos descem do ônibus a gente vai encontrar. Aí vem o sanfoneiro tocando sanfona, pandeiro e triângulo. E aí a gente encontra, dá os parabéns dos noivos e aí a noite é a festa, já com tecladista já (Araújo, 2024).¹⁶

Como mencionado acima, com o passar do tempo as festas de casamento sofreu algumas alterações, mas a essência e o significado do ritual prevalecem.

A senhora Marilene Souza Santos, relata ainda que havia os encontros de jovens frequentemente na comunidade e atualmente não acontece mais. “O encontro de jovem,

¹⁵ Maria José Silva ,entrevista concedida a autora em: 7 de dezembro de 2024.

¹⁶ Maria Souza de Araújo, entrevista concedida a autora em: 8 de dezembro de 2024.

né? Que aqui tinha um encontro de jovens e hoje não tem mais, não quer mais, reunir e fazer as rezas que fazia antes” (Santos, 2024)¹⁷.

Figura 8 – Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

A manifestação cultural que mais se destaca na comunidade é sem dúvida o reisado. O reisado tem uma forte ligação com a religiosidade é celebrado em diversas regiões do Brasil, sendo que em cada lugar mantém suas particularidades. Tal manifestação cultural é mais expressiva durante o período natalino, com apresentações em praças públicas, igrejas e festas populares. Além disso, tem uma grande influência na cultura popular brasileira, uma vez que é uma das manifestações culturais mais representativas do país.

De acordo com Santos *et al.* (2019, p. 2):

O reisado é uma festa de origem europeia bastante conhecida e comemorada no Brasil que se constituiu através de uma relação muito forte com a religião católica, essa festa é realizada em diversos países com brincantes de várias faixas etárias, sendo eles: homens, mulheres, crianças, jovens e idosos.

Carregado de emoção e tradição um grupo determinado, se organiza e sai, de casa em casa todos os anos no período de 01 a 06 janeiro, cantando, sambando e tocando seus instrumentos cumprindo a devoção de Santos Reis. Rafael França de Souza, membro do grupo

¹⁷ Marilene Souza Santos, entrevista concedida a autora em: 7 de dezembro de 2024.

de reisado de Lagoinha da Cobra relata o que é o reisado, como começou essa cultura e sua importância para a comunidade:

Eu acho que é uma cultura muito boa para as comunidades e para mim. Começou há muito tempo, muito tempo atrás. Eu mesmo já era jovem. meus pais sempre cantavam reis, meus avôs. Isso vem de geração em geração em geração. Eu comecei com uns 17 anos de idade e hoje tenho 25 nesse ramo. Aí começou há muito tempo. é importante porque a gente sai falando sobre a história de Deus menino, menino, Deus, Jesus Cristo e sai pedindo uma esmola para poder realizar a festa, realizar ladainha (Souza, 2025)¹⁸.

Na narrativa acima, é possível perceber que se trata de uma cultura que passa de geração em geração, além disso, destaca a importância da participação dos jovens na continuidade dessas manifestações culturais que estão diretamente ligado à fé e à devoção, afirmando a importância da religiosidade na identidade cultural da comunidade.

Figura 9 – Terno de Reis da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Quando questionado sobre os símbolos do reisado e as apresentações, Rafael França de Souza, relata que os elementos possuem um profundo significado cultural e religioso para a comunidade e é de fundamental importância para a prática e descreve como são as apresentações do reisado.

O principal símbolo eu creio que é a bandeira de Santo Reis que a gente carrega e os instrumentos, né? Porque sem os instrumentos a gente não

¹⁸ Rafael França de Souza ,entrevista concedida a autora em: 9 de janeiro de 2025.

consegue fazer as apresentações. Então às apresentações é feita com os pares de instrumentos, né? Dois cantores com voz. Primeira voz, segunda e pares de instrumentos como gaita, pandeiro e corriche e bumba e caixa. Aí faz uma sincronia para fazer as apresentações (Souza, 2025)¹⁹.

O relato acima reforça que esses elementos não são apenas acessórios, mas partes indispensáveis da manifestação cultural. Além disso, a bandeira representa a devoção e a fé que movem a celebração, funcionando como um guia espiritual e cultural para os participantes.

Figura 10 – Bandeira de Santos Reis.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Os símbolos do reisado representam a fé, a devoção e a força das tradições populares, carregando significados profundos que unem o sagrado e o profano, o passado e o presente. Cada canto, cada traje, cada gesto carrega a memória de um povo que resiste com alegria, criatividade e espiritualidade.

¹⁹ Rafael França de Souza ,entrevista concedida a autora em: 9 de janeiro de 2025.

Figura 11 – Instrumentos utilizados no reisado em Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

Em relação a organização, a liderança do grupo e o procedimento do reisado na casa do morador, Odair França dos Santos um dos integrantes do grupo relata:

A gente tem os seis dias para a gente sair. Tá passando de casa em casa, tá convidando o povo. No mesmo tempo, pedindo as esmolos, né? Mas igual, igual. Santo Reis Fala aí, Cada um dá o que pode. Se alguém não dá nada, a mesma coisa só de receber o reis já é uma coisa muito boa. Aí a gente tem que marcar a data e reunir todo mundo. Os reiseiros, faz a nossa ladainha e faz uma festinha aí. Muito bom, muito bom. A organização é maravilhosa. Nossa, sim, a gente chega, cantamos lá fora. Aí faz um samba e agradece pelo que recebeu. Aí depois a gente faz outro samba e vai embora. Assim, né? Tem o todo mundo chama de chefe, né? Que no nosso exemplo é meu pai. Aí chama a seu chefe. Às vezes tem outro terno que já chama até o dono e tal. Mas assim, o terno todo mundo é dono. Mas tem assim no povo. Tem um que é o responsável da saída da bandeira que recebe o dinheiro. Então, eu acho que sim. Tem liderança, sim (Santos, 2025)²⁰

A passagem de casa em casa no relato acima, fortalece os laços entre os moradores, promovendo a participação de todos, independentemente da contribuição material. A ideia de que "só de receber o reis já é uma coisa muito boa" mostra que o valor da celebração está mais na partilha e na continuidade do costume do que no aspecto financeiro.

²⁰ Odair França dos Santos, entrevista concedida a autora em: 19 de janeiro de 2025

Figura 12 – Apresentação do Terno de Reis de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

O reisado é uma manifestação cultural que, embora tenha uma base comum, a celebração do Dia de Santos Reis e a lembrança da visita dos Reis Magos ao menino Jesus, apresenta uma diversidade de formas, personagens, ritmos, instrumentos e significados de acordo com os contextos regionais e históricos onde ocorre. Nas regiões brasileiras o reisado assume formas muito diferentes entre si, algumas têm forte presença teatral e uso de máscaras, outras se aproximam mais do guerreiro, pastoril e em outras o reisado se funde com a Folia de Reis, assumindo uma forma mais religiosa e menos cênica.

Essa diversidade mostra que o reisado não é uma festa homogênea, mas sim um conjunto de práticas culturais que se adaptam às realidades locais, mantendo-se vivo pela criatividade e pela força das comunidades que os reproduzem.

Figura 13 – Grupo do Terno de Reis de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025.

De acordo com Rafael França de Souza, durante a jornada do reisado no período de 6 (seis) dias consecutivos, o grupo enfrenta diversas dificuldades: “A gente enfrenta chuva, enfrenta sono, cansaço, fome, às vezes sol. Muitas coisas” (Souza, 2025)²¹. Esse relato, transmite a força, coragem e determinação do grupo, em cumprir fervorosamente a tradição. Cada obstáculo encontrado faz parte do percurso que precisa ser seguido, não importa o quão difícil seja.

O relato de Odair França dos Santos, confirma a narrativa de Rafael França de Souza, enfatizando a resistência, perseverança e fé do grupo diante das adversidades:

Primeiramente, é o sono. Segundo, é o sol. Assim, a chuva é muito boa, né? Mas quando a gente tá numa casa de chover, é bom que a gente tá acomodado, né? Mas quando tá na estrada o assim viajando é um pouquinho chato, né? Mas é bom, muito bom a chuva. Mas o principal desafio maior é o sono. É assim às vezes a gente tem estresse por causa. Às vezes um amigo faz uma brincadeira, a gente não gosta, mas não é tanto a gente que não quer escutar, é por causa do sono ou então do estresse que há seis dias não é fácil. Então, Deus é maravilhoso e santo Reis também. Sempre dá força pra gente estar aguentando ficar esses dias aí no mundo (Santos, 2025)²².

²¹ Rafael França de Souza, entrevista concedida a autora em: 9 de janeiro de 2025.

²² Odair França dos Santos, entrevista concedida a autora em: 19 de janeiro de 2025.

A fala de Odair França dos Santos, revela de forma espontânea e sensível, os desafios físicos e emocionais enfrentados durante a jornada intensa. No entanto, mesmo diante dessas dificuldades, a fé aparece como fonte de força e consolo. Ao mencionar Deus e "Santo Reis", o entrevistado expressa a dimensão espiritual que sustenta e dá sentido à sua resistência.

A maior satisfação do grupo e da comunidade em geral é o momento da Festa de Reis, onde todos se mobilizam para os preparativos com entusiasmo e espírito coletivo, como menciona Odair França dos Santos.

A gente reúne na sexta, que era para ajudar a limpar o terreiro e matar o gado, a gente fazer a comida. Aí no sábado a gente começa cedo, vai fazendo as coisinhas que tem que fazer, cortando a carne. Aí de noite, da janta para todo o pessoal e depois tem a ladainha e depois um forrozinho (Santos, 2025)²³.

É uma ocasião marcada pela união, pela partilha e pela valorização das tradições, onde cada pessoa, independentemente da idade, contribui de alguma forma, seja na organização, na música, na dança ou na culinária, fazendo uma festa bonita, apreciada também pelas comunidades circunvizinhas. Esse momento fortalece os laços entre os moradores, renova a fé e reafirma a identidade cultural da comunidade, tornando-se um símbolo vivo de resistência, alegria e pertencimento. Assim como o Reisado, outras iniciativas também contribuem para a valorização cultural e o fortalecimento da identidade quilombola. Um exemplo significativo é o Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité, que será apresentado a seguir.

5. ENCONTRO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE CAETITÉ

O Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité é um evento que acontece todo ano no município de Caetité, desde o ano de 2010, quando foram certificadas as primeiras comunidades do município.

Lagoinha da Cobra foi sede do XIV Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité, em 2023. Contou com a participação de centenas de famílias das 14 comunidades quilombolas do município de Caetité e região, o Conselho Municipal Quilombola, a Prefeitura Municipal de Caetité, o Movimento das Mulheres Camponesas, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetité.

²³ Odair França dos Santos, entrevista concedida a autora em: 19 de janeiro de 2025.

Figura 14 – XIV Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité em Lagoinha da Cobra.



Fonte: Dourado, Cleonice Silva, 2023.

Durante o encontro, as comunidades promoveram uma rica programação cultural, com apresentações de músicas tradicionais, danças de roda, declamação de poemas e poesias autorais, exposições de artesanatos e da culinária típica quilombola, além de encenações teatrais, rodas de capoeira, grupos de reisados e outras expressões que preservam e fortalecem a memória coletiva.

Mais do que uma celebração, o encontro foi um espaço de reafirmação da identidade quilombola, fortalecimento das redes de solidariedade e reivindicação por políticas públicas específicas para essas comunidades. A diversidade cultural apresentada evidenciou a resistência histórica do povo negro frente às desigualdades sociais, reafirmando o quilombo como território de luta, ancestralidade e construção de um futuro pautado na justiça e no reconhecimento.

Figuras 15 e 16 – Atividades culturais realizadas durante o XIV Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité em Lagoinha da Cobra.



Fonte: Ione Rochael - MAM-BA, 2023. Disponível em: <https://cptba.org.br/xiv-encontro-de-comunidades-quilombolas-de-caetite-e-regiao-reune-centenas-de-familias-em-lagoinha-da-cobra/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

A Figura 15e16 apresentam a dança de roda com a participação dos alunos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), um momento especial de diversão, celebração da cultura popular, troca de saberes e fortalecimento dos vínculos entre universidade e comunidade, onde tradição e juventude se encontram em movimento.

Figura 17 – Apresentação de dança de jovens da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra.



Fonte: Dourado, Cleonice Silva, 2023.

Na figura 17 temos o registro de uma apresentação de dança da comunidade sede desse encontro. Um momento de muita alegria, sinônimo de resistência e pertencimento. Onde corpos se movem guiados pelas batidas dos tambores, pela memória coletiva, e pelo orgulho de suas raízes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu compreender de forma mais específica, o processo de formação da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Por meio das entrevistas realizadas, foi possível identificar que, apesar dos avanços na luta por direitos, os moradores ainda enfrentam desafios relacionados à preservação da cultura, acesso a políticas públicas, reconhecimento de sua identidade e garantia de seus territórios.

A pesquisa evidenciou que a memória, a história e as tradições são elementos centrais para a manutenção da resistência e da identidade quilombola. As narrativas dos moradores revelam a saudade de um tempo em que festas, brincadeiras e celebrações religiosas eram mais frequentes, retratando uma época em que a convivência comunitária era mais presente. Esse sentimento reforça a importância da valorização da cultura, da ancestralidade e da coletividade como fundamentos para o fortalecimento da comunidade e para a continuidade da luta por seus direitos.

As manifestações culturais presentes em Lagoinha da Cobra, como o reisado, ocupam papel essencial na afirmação da identidade quilombola. Transmitidas oralmente de geração em geração, essas expressões refletem o orgulho, a resistência e o pertencimento da comunidade, sendo fundamentais para manter viva sua memória coletiva.

A pesquisa também evidenciou o protagonismo das mulheres quilombolas, que desempenham funções indispensáveis na manutenção das tradições, no cuidado com a família e com a terra e na preservação da memória histórica. Com força, sensibilidade e compromisso com o bem comum, elas assumem posições de liderança na organização da comunidade, na transmissão dos saberes e na luta por direitos e reconhecimento.

Por fim, destaco mais uma vez, a relevância desse trabalho para dar visibilidade às vozes quilombolas, sobretudo da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra e reforçar a importância de políticas públicas efetivas, do reconhecimento social e da preservação da memória histórica como instrumentos de resistência e valorização das comunidades quilombolas, além de contribuir para futuras pesquisas sobre a temática.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ARAÚJO, Zilda França de. **Zilda França de Araújo**: depoimento [7 dez. 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Morador da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

ARÚJO, Maria Souza de. **Maria Souza de Araújo**: depoimento [8 dez. 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Moradora da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

DUARDO, Cleonice Silva. **Cleonice Silva Duardo**: depoimento [7 dez. 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Moradora da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

DUARTE, Maria José Silva. **Maria José Silva Duarte**: depoimento [7 dez. 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Moradora da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

SANTOS, Marilene Souza. **Marilene Souza Santos**: depoimento [7 dez, 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Moradora da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

SANTOS, Odair França dos. **Odair França dos Santos**: depoimento [19 jan. 2025]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Morador da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

SILVA, José Roberto da. **José Roberto da Silva**: depoimento [7 dez. 2024]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Morador da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

SOUZA, Rafael França de. **Rafael França de Souza**: depoimento [9 jan. 2025]. Entrevistadora: Jucilene de Souza. Caetité: UNEB - BA, 2024. Morador da Comunidade Quilombola de Lagoinha da Cobra. Entrevista concedida ao Projeto de TCC – Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências (1957-2023, Caetité – BA).

REFERÊNCIAS

A Origem do Reisado: Tradição Cultural Brasileira. **Listologia**. Disponível em: <https://listologia.com/reisado-origem/>. Acesso em: 25 maio 2025.

BARROS, José D' Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos**. LPH - Revista de História da UFOP. n. 15, 2005. Disponível em: https://arquivos.ufrj.br/arquivos/202021905621c923047793c2cd1af7535/Histria_Social_LP_H_UFOP_2005.pdf. Acesso em: 24 jan. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 30 nov. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 7.668, de 22 de agosto de 1988**. Autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Cultural Palmares - FCP e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17668.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.668%2C%20DE%2022,Art. Acesso em: 30 nov. 2024.

CARVALHO, Eric Luis. Bahia tem maior nº de quilombolas no país; 5 das 10 cidades de maiores populações quilombolas ficam no estado, aponta Censo do IBGE. **G1 Bahia**, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/07/27/bahia-tem-maior-no-de-quilombolas-no-pais-5-das-10-cidades-de-maiores-populacoes-quilombolas-ficam-no-estado-aponta-censo-do-ibge.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CERTIFICAÇÃO Quilombola. **Fundação Cultural Palmares**, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>. Acesso em: 1 dez. 2024.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
Covary, Mariza de Souza. Memória Cultural. Revista **MultiAtual**. v. 2, n. 7, 2021. Disponível em: <https://www.multiatual.com.br/2021/10/memoria-cultural.html>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História e memória: metodologia da história oral**. História oral, 2006.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. **Retalhos da memória: os negros de Mangal/Barro Vermelho - comunidade quilombola do Médio São Francisco-Bahia**. 2015. 208 p. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12882/1/Nivaldo%20Osvaldo%20Dutra.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1ed. 13. Reimpr. 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11^a ed., 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/caetite.html>. Acesso em: 30 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=41105&t=resultados>. Acesso em: 30 nov. 2024.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNEBP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 217-227. Disponível em: <https://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20PO S-GRADUACAO/TIPOLOGIA%20DE%20TERRITORIOS/LIVRO%20SAQUET%20E%20SPOSITO.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MOURA, Carlos. 20 anos de história. *In*: ULHÔA, Inês; SANTOS JR., Waldomiro (Org.). **Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira**, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2008, ano IV, n. 4, p. 8-15. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos/revistas/revista04.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5^a ed. Teresina: EdUESPI, 2021.

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/21779/15785>. Acesso em: 20 dez. 2024

Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável e Solidário do Território Sertão Produtivo/ Guanambi - BA, 2016. Disponível em: https://www.ba.gov.br/seplan/sites/site-seplan/files/migracao_2024/arquivos/wp-content/uploads/PTDSS_2016_Sertao_Produtivo.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 8 de mar. 2025.

POPULAÇÃO quilombola é de 1,3 milhão, indica recorte inédito do censo. **Serviços e Informações do Brasil**, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2023/07/populacao-quilombola-e-de-1-3-milhao-indica-recorte-inedito-do-censo>. Acesso em: 1 dez. 2024.

SANTOS, Helena Lima. Caetité, Pequeninina e Ilustre. 2ª edição, Tribuna do Sertão. 1997.

SANTOS, Jaiana Tavares Dos *et al.*. Reisado: aproximação da cultura corporal do cariri nas aulas de educação física escolar. **Anais VI JOIN / Brasil - Portugal**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57892>. Acesso em: 12 jan. 2024.

SILVA, Valdélcio Santos. Rio das Rãs à luz da noção de quilombo. **Afro-Ásia**, n. 23, Salvador: EDUFBA, 2000. Disponível em: <https://www.periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20987/13588>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOUSA, Rosemária Joazeiro Pinto de. **Educação escolar e as implicações na construção da identidade étnico-racial dos estudantes quilombolas da região de Maniaçu-Caetité/Ba**. 2020. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2020. Disponível em: <https://www2.uesb.br/ppg/ppged/wp-content/uploads/2020/11/ROSEM%C3%81RIA-JOAZEIRO-PINTO-DE-SOUSA.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2º ed., 1998.

XIV Encontro de Comunidades Quilombolas de Caetité e Região reúne centenas de famílias em Lagoinha da Cobra. **CPT Bahia**, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://cptba.org.br/xiv-encontro-de-comunidades-quilombolas-de-caetite-e-regiao-reune-centenas-de-familias-em-lagoinha-da-cobra/>. Acesso em: 15 dez. 2024.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Jucilene de Souza estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em História da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências(1957-2023 , Caetité -BA) é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 28 /08 /2025.

Jucilene de Souza

061910057

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Jucilene de Souza estudante do curso de Licenciatura em História da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado Lagoinha da Cobra: Memórias, Histórias e Resistências(1957-2023 , Caetité -BA) é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita** do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- revisão linguística do texto
- elaboração de imagens e gráficos
- tradução
- Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 28 /08 /2025.

Jucilene de Souza 061910057

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula